

CRÍTICA TEATRO | A PEQUENA PRISÃO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O escritor e professor de geografia Igor Mendes, finalista do prêmio Jabuti em 2021, preso arbitrariamente em dezembro de 2014, permaneceu no Complexo de Gericinó, em Bangu, por quase sete meses. Foi acusado de descumprir medidas cautelares que o proibiram de manifestar-se em protestos públicos, remetendo-nos à ditadura militar em pleno século 21, cuja polícia, imprensa e governantes tornam-se parceiros na perseguição aos que lutam por injustiças sociais.

Em 2024 o Tribunal de Justiça, absolveu os acusados, reconhecendo ilicitude de provas obtidas. O ativista político transformou dor em literatura e escreveu “A Pequena Prisão”, desvelando relações construídas a partir de encontros com seres humanos que compartilham aflições na realidade cruel do sistema prisional brasileiro. Conflitos, memórias, violência, solidariedade são situações pungentes ecoando no relato de Mendes, que depararam-se com o talento de Daniela Pereira de Carvalho na composição de uma carpintaria exemplar, valorizando a contundência da obra. A adaptação teatral organiza o gênero, concebendo uma dramaturgia fluida.

A direção de Fernando Ceylão é funcional, na medida que estabelece uma dinâmica para que todas as personagens possam coabitar, conduzindo seu intérprete apropriadamente. Fundamenta um



Claudia Ribeiro/Divulgação

Vito Fragoso em ‘A Pequena Prisão’, solo sobre o caso do estudante Igor Mendes preso em função da onda de protestos de 2013

Clausura humana

compasso teatral valorizando a expertise do texto dramático que lhe foi atribuído, além de criar imagens tocantes, instituindo velocidade.

Há uma corporalidade susten-

tando e ampliando a corporeidade de Vito Fragoso, que percorre toda a encenação repleto de força dramática, vigor e precisão, amparado pela harmoniosa direção de movi-

mento de Fernanda Dias. Transfigura-se em mais de 30 personagens entre narrador, agentes penitenciários e detentos embrutecidos até o afeminado, com extrema seguran-

ça. Vale ressaltar que o monólogo é ousado, por onde o ator trafega sem vacilar, desenhando meandros psicológicos em papéis dificultosos. Objetiva o conteúdo, além de humanizá-lo. Fragoso abarca características do que chamamos artista de teatro, através do qual idealiza o projeto, produz e concebe visualmente.

Portas-grade deslizam pelo palco como extensão da escritura dramática, favorecendo à toda estrutura cênica. Vito Fragoso instaura uma cenografia, que para além da plasticidade, determina espaços distintos. E em parceria com Felício Mafra, ilumina o espetáculo com luz branca, seca, numa sintonia com aquele universo hostil, abrindo exceção para o vermelho aguerrido e ao mesmo tempo sanguinolento na cena da morte de Alessandro, prisioneiro deprimido, que tira a própria vida ao saber que ganhará a liberdade, configurando um dos grandes momentos. João Pimenta veste o ator num uniforme de recluso, adequadamente. Federico Puppi pontua com sagacidade a atmosfera aterradora na sua direção musical.

“A Pequena Prisão” vai além e revela-nos o quanto estamos e somos encarcerados.

SERVIÇO

A PEQUENA PRISÃO

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo) Até 30/8, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h) Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Rodrigo Menezes/Divulgação

Festival no Riachuelo

A segunda edição do Festival de Teatro do Rio chega a seu segundo fim de semana com a encenação de três espetáculos no Teatro Riachuelo Rio, no Passeio. Nesta sexta (7), às 20h, tem “Mulher em Fuga”, com Malu Galli, com texto do romancista francês Edouard Louis; no sábado (8), com sessões às 18h30 e 20h, é a vez do comediante Fábio Porchat com seu hilariante “Histórias do Porchat”; e no domingo (9), às 19h, Débora Lamm (foto) dá vida a uma médica que odeia crianças e suas mães em “A Pediatra”.



Divulgação

Eu já escuto teus sinais

A obra do cantor e compositor Alceu Valença chega ao teatro, como a bruma leve das paixões que vêm de dentro. Em “Anúnciação – o musical de Alceu Valença”, imagens, música, festa e invenção se unem num espetáculo que foge do realismo e aposta na magia, dialogando com a maneira peculiar do artista de ver o mundo. A montagem, com direção de Duda Maia, mergulha no imaginário criado pelo artista ao longo de décadas e constrói uma experiência cênica livre, irreverente e profundamente brasileira. Até 16/8 no Teatro Carlos Gomes.



Divulgação

Viver vale a pena

Na roça, onde o tempo parece ter outra cadência, uma mãe carrega consigo histórias que só o coração conhece. Seu olhar, marcado pelo sol e pelas tempestades da vida, encontra refúgio em sua filha, Lia, que nasceu com paralisia cerebral. Entre o trabalho, o café quente e o ranger da madeira, ela nos convida a percorrer sua trajetória de medos, despedidas, pequenas vitórias e a certeza inabalável de que viver vale a pena. “Lia” tem texto, atuação e idealização de Hugo Andrade, e direção de Tárli Laranjeiras. Em cartaz até 16/8 no Teatro Dulcina.